

jornal da tarde

Publicado pela S.A. O Estado de S. Paulo
Av. Engenheiro Coeteno Álvares, 55. Tel.: 266-7099 (PABX).



JULIO MESQUITA
(1891 - 1927)

JULIO DE MESQUITA FILHO - FRANCISCO MESQUITA
(1927 - 1969)

Diretor Responsável

RUY MESQUITA

Diretores

José Vieira de Carvalho Mesquita
Júlio de Mesquita Neto
Luiz Vieira de Carvalho Mesquita
Ruy Mesquita
César Tácito Lopes Costa
José M. Homem de Montes
Oliveiros S. Ferreira

Economia Brasil
026
Reportagem 0067

A única escolha que resta ao presidente

Há meses, nós do **Jornal da Tarde** vimos apontando a rápida deterioração da credibilidade no atual governo. Hoje, estamos convencidos de que ela está chegando a seu ponto máximo, tanto externa como internamente.

Durante muitos anos, os atuais dirigentes econômicos tudo fizeram para reforçar o mito de sua alta capacidade técnica e de sua imprescindibilidade na condução da política econômica. Hoje, depois que a economia foi atirada ao brejo em que está atolada, por pura omissão e incompetência das autoridades da área econômica, já não se questiona o nível de preparo do atual comando. A verdadeira questão está em saber quem terá competência política e autoridade moral para conduzir a Nação à sua definitiva recuperação econômica.

Está mais do que claro que os credores do Brasil não confiam no governo brasileiro. O próprio presidente Ronald Reagan, dos Estados Unidos, abriu anteontem a 38ª Reunião Anual do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial exortando os países a "colocar a própria casa em ordem, abandonando políticas inflacionárias em favor de políticas internas sadias, sem as quais a assistência financeira internacional seria como jogar dinheiro pela janela". Sendo o Brasil o centro das atenções da atual reunião do FMI, está clara aí uma alusão à desordem em que está atirada a nossa economia.

Também clara foi a admoestação ao governo brasileiro que o diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional fez anteontem, na abertura da 38ª Reunião, quando enfatizou a competência com que o governo mexicano tirou sua própria economia do descabro em que se encontrava há apenas um ano.

A comunidade financeira internacional também não acredita em nossos dirigentes, como o atestam as graves críticas ao governo brasileiro feitas pelo editorial de ontem do **Wall Street Journal**, o mais importante jornal de economia e finanças do mundo (veja à página 10). A falta de confiança na condução da política econômica reflete-se na relutância com que os credores internacionais se dispõem a injetar mais recursos no Brasil.

Anteontem mesmo, em Washington, o porta-voz do **Deutsche Bank**, Wilfried Guth, mostrava que, segundo cálculos do próprio FMI, a demanda financeira do Brasil é estimada em 12,9 bilhões de dólares para 1983 e em 12,4 bilhões de dólares para 1984. No entanto, o Brasil só tem garantidos, a médio prazo, 9,2 bilhões para este ano e 7,2 bilhões de dólares para 1984.

O presidente Figueiredo resta uma única escolha: ou substitui imediatamente o atual estado-maior da política econômica por homens verdadeiramente confiáveis e capazes de liderar a Nação nessa hora de crise, ou, então, não só seu estado-maior mas ele próprio serão, fatalmente, ultrapassados pelos fatos. Em outras palavras: ou fica com o Brasil ou fica com sua equipe; e seja o que Deus quiser.

A propósito da incompetência na condução do processo de renegociação da dívida externa, o ex-presidente do Banco Central Carlos Langoni acaba de dar-nos um enfático depoimento. Em declaração à CPI da dívida externa, feita anteontem, no Congresso Nacional, Langoni condenou a falta de "uma ação coordenada" para usar o "peso estratégico" do País no cenário mundial. Aí está a confissão de que, em momento algum, os atuais ministros da área econômica usaram o imenso poder de barganha de que dispõe o Brasil para chegar a um acordo com os atuais credores.

O País está exigindo uma equipe econômica que tenha o respaldo da sociedade. Sem uma liderança legitimada na confiança, não será possível nem a aprovação de uma política salarial adequada para o momento, nem qualquer política econômica adequada. E, sem a união dos brasileiros em torno dos homens que mereçam seu respeito, também não será possível impor o respeito aos credores externos.

Enquanto o presidente da República, com a falta de determinação de que tem sido capaz, segue repetindo que não troca a tripulação do navio na hora da tempestade, o próprio navio vai indo irremediavelmente a pique.

A Nação inteira discorda do presidente Figueiredo. Anteontem mesmo, a vaia que mil prefeitos e vereadores de todo o País iniciaram no Palácio do Planalto, quando o presidente da República fez pouco-caso da reivindicação de prioridade para uma ampla reforma tributária que reforçasse imediatamente as finanças dos municípios, comprova o isolamento do atual governo.

É um grave erro de interpretação achar que o Congresso Nacional se recusa a colaborar num projeto de saneamento das finanças nacionais quando ameaça rejeitar a atual política salarial consubstanciada no Decreto-Lei nº 2.045. A grande verdade é que o Congresso está, neste momento, dominado pelos nacionalistas porque o governo não teve uma política para impedir que isso acontecesse. A maioria da Nação, no entanto, não duvida da necessidade de austeridade e do sacrifício. E saberá corresponder a uma liderança que negocie, politicamente, a distribuição equitativa desse sacrifício.

Enquanto essa liderança não surge, no entanto, a inflação cresce à vontade, como o mato em terreno abandonado. Para surpresa do governo, os números apontam para além dos 11% também neste mês de setembro, desta vez em consequência dos saltos consecutivos dos preços dos alimentos. Ora, os ministros da área econômica não têm o direito de se declararem surpreendidos por essa inflação. Foram eles que conduziram a política de abastecimento interno... Melhor dizendo: eles é que são responsáveis pela falta de política de abastecimento interno.

Se há um compromisso formal do atual governo com uma inflação de 5% ao mês neste último trimestre, é óbvio que seria imprescindível a existência de estoques reguladores de alimentos. Hoje, no entanto, sabemos que não há esses estoques e que os preços dos alimentos continuarão disparando, realçando também por esse lado a imprevisibilidade do atual governo.